

O que é a Quaresma para ti?



« Alegres na Esperança, perseverantes na Oração »
Rm 12,12

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
Cristina Mesquita
Filipa Baptista
Francisco Valles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Mónica Maruny
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Carlos Albuquerque
Leonora Balcão Reis

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

O que é a Quaresma para ti?

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Quaresma
8	5 Março - Quarta-feira de Cinzas
13	9 Março - Domingo I da Quaresma
18	16 Março - Domingo II da Quaresma
23	23 Março - Domingo III da Quaresma
27	30 Março - Domingo IV da Quaresma
34	6 Abril - Domingo V da Quaresma
	PARTE II Semana Santa
40	13 Abril - Domingo de Ramos
44	17 Abril - Quinta-feira Santa
49	18 Abril - Sexta-feira Santa
53	19 Abril - Vigília Pascal
	PARTE III
60	Introdução
62	Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma
64	Mensagem do Papa Francisco para a XXIX Jornada Mundial da Juventude
66	Exortação Apostólica Evangelii Gaudium
68	Próximas atividades da FaMVDei Lisboa

O que é a Quaresma para o Papa Francisco

Como não obtive resultados com a minha pergunta – “O que é a Quaresma para ti?” –, que fiz a vários conhecidos, procurei a mensagem do Papa para esta Quaresma de 2014, mensagem muito rica, muito fácil de entender, muito concreta e existencial, acessível a todos na Internet. Eu só extraí o resumo final, que diz assim:

“Queridos irmãos e irmãs, possa este tempo de Quaresma encontrar a Igreja inteira pronta e solícita para testemunhar, a quantos vivem na miséria material, moral e espiritual, a mensagem evangélica, que se resume no anúncio do amor do Pai misericordioso, pronto a abraçar em Cristo toda a pessoa. E poderemos fazê-lo na medida em que estivermos configurados com Cristo, que Se fez pobre e nos enriqueceu com a sua pobreza. A Quaresma é um tempo propício para o despojamento; e far-nos-á bem questionar-nos acerca do que nos podemos privar a fim de ajudar e enriquecer a outros com a nossa pobreza. Não esqueçamos que a verdadeira pobreza dói: não seria válido um despojamento sem esta dimensão penitencial.

Desconfio da esmola que não custa nem dói.

Pedimos a graça do Espírito Santo que nos permita ser «tidos por pobres, nós que enriquecemos a muitos; por nada tendo e, no entanto, tudo possuindo» (2 Cor 6, 10). Que Ele sustente estes nossos propósitos e reforce em nós a atenção e solicitude pela miséria humana, para nos tornarmos misericordiosos e agentes de misericórdia. Com estes votos, asseguro a minha oração para que cada crente e cada

comunidade eclesial percorra frutuosamente o itinerário quaresmal, e peço-vos que rezeis por mim. Que o Senhor vos abençoe e Nossa Senhora vos guarde!”



parte I

Quaresma

O Amor vê-se e sente-se

Jl 2, 12-18 «Rasgai os vossos corações e não as vossas vestes, convertei-vos ao Senhor» (Jl 2, 13)

Sl 50 «Cria em mim, ó Deus, um coração puro; renova e dá firmeza ao meu espírito.» (Sl 50,

2 Co 5, 20-6, 2 12)

«No tempo favorável, ouvi-te e, no dia da salvação, vim em teu auxílio. É este o tempo favorável, é este o dia da salvação.» (2 Co 6, 2)

Mt 6, 1-6.16-18 «Tu, porém, quando jejuares, perfuma a cabeça e lava o rosto, para que o teu jejum não seja conhecido dos homens, mas apenas do teu Pai que está presente no oculto.» (Mt 6, 17-18)



Quem é Deus para mim?

Que tempo Lhe dou?

Deus é Amor!



um casamento com muitos anos, quando a paixão diminui e se deixa de sentir o encanto dos primeiros tempos, pode-se argumentar que o mais importante não são os sentimentos nem o entusiasmo à flôr da pele... Contudo, se o marido e a mulher não mostrarem por gestos, conversas e olhares, o quanto se amam, o casamento esmorece com toda a certeza.

Podemos até saber-mo-nos amados, mas se não o mostrarmos nem o dissermos, a relação ganha distância ainda que se viva na mesma casa.

Na relação com Deus é a mesma coisa: se não dissermos ao Senhor o quanto gostamos dele, Ele não sente o nosso amor por Ele!

Sabe, mas não o sente!

As leituras desta 4ª Feira de Cinzas chamam-nos à atenção para nos centrarmos no Senhor.

Não por obrigação, porque começa a Quaresma, mas porque, para estarmos próximos de Deus (e dos outros), precisamos de “namorar” com o Senhor!

Podemos ter que começar por Lhe pedir desculpa por todas as asneiras que andamos a fazer que nos afastam de Deus e dos outros...

Podemos ter que largar tantas comodidades que nos impedem de ver com clareza e simplicidade os caminhos do Senhor...

Podemos ter que sair de nós mesmos ao encontro dos outros onde Deus também habita e nos chama...

Mas se não fizermos tudo com honestidade e veracidade, vamos viver mais um teatro de Quaresma do que o reatar de uma relação de amor que o Senhor tanto quer viver com cada um de nós.

Deus é pura e simplesmente AMOR:

- Amor entre Ele e nós;
- Amor entre nós e os outros;
- Amor entre nós e nós próprios.

E todas estas relações de AMOR (que não se podem viver separadamente porque todas elas fazem parte de cada um de nós) só existem se aceitarmos levantarmo-nos de cada vez que reconhecemos que pecamos, ou seja, que nos afastamos do Senhor, dos outros, da nossa verdade...

Olharmos com leveza para os nossos pecados, não nos deixarmos afundar pelo sentimento de culpa é também amar o Senhor e amarmo-nos a nós mesmos.

Se “em tudo amássemos e servíssemos” (Sto. Inácio), não seria necessário viver a Quaresma! Porque estaríamos totalmente centrados no amor sincero e verdadeiro, no amor que se dá e entrega, que não se poupa..., no amor que se vê e sente, em pequenos gestos e em poucas palavras, simples, humildes, verdadeiras...

Mas a graça do amor de Deus é podermos recomeçar sempre que Lhe abrimos os braços porque não há passado de tal maneira pesado que impeça alguém de ser, de novo, acolhido nos braços do nosso Pai!

A graça de Deus e a liberdade do homem

“O homem é cioso da sua dignidade e da sua autonomia. Tem razão. Mas tem igualmente de entender que esta dignidade e esta autonomia não são a de um deus solitário.

O homem tem uma história pessoal e vive a aventura colectiva da História. Cada homem nasce desprotegido e os mecanismos instintivos não chegam para assegurar a sua sobrevivência e maturação. Tem de ser alimentado; precisa de receber carinho; tem de aprender a caminhar e a vestir-se; tem de ser introduzido na maneira de viver da comunidade a que pertence. Sobretudo, precisa de receber amor, e feliz dele se este amor lhe é dado por seres humanos equilibrados e felizes.

(...)

Feliz dele se um dia descobrir que amar não é ter mais um brinquedo, é entrar numa aventura com responsabilidade partilhada. Descobre então que um amor pequeno é um entrave à liberdade ou é uma fixação passageira, um amor grande permite a eclosão da liberdade. Aquele que ama a sério, sabe que dá e que recebe. Não tem a ilusão de que criou sozinho a sua vida.

A relação do homem com Deus deve ser vista à luz desta experiência. Jesus disse que Deus não é nosso dono, é nosso Pai. Os profetas do Antigo Testamento e os grandes santos descobriram que a relação entre Deus e o homem tem qualquer coisa daquela alegria, comunhão, igualdade na responsabilidade, que caracterizam o amor pleno do homem e da mulher.

O Novo Testamento usa muito a palavra “graça”, a significar ao mesmo tempo dom e harmonia. Tudo começa com o dom de Deus, a sua graça. Mas o dom de Deus não é

vontade de poder, não é estratégia de sedução e sujeição, é convite a que o homem também se torne dom. O encontro do dom de Deus e do dom do homem é fonte de harmonia, aquela harmonia que é limpidez e é paz.

Por isso a vida dos grandes santos é tão afastada dos defeitos correntes do homem religioso. Em S. Francisco de Assis ou na Madre Teresa de Calcutá não havia beatice, nem habilidade para levar a água ao seu moinho. Havia maturidade, alegria, respeito pela identidade do outro, capacidade de dom sem limites.

Por isso o Senhor Jesus, e com Ele S. Paulo, embirraram tanto com uma religião feita à base de regulamentos, prémios, proibições, contabilidade. Ver a santidade como uma conta bancária que deve ter saldo crescente é subverter a lógica do amor.”

Padre João Resina, Paróquia do Campo Grande, Junho
de 2002

Necessidade da escolha

- Gn 2,7-9; 3,1-7 « (...) O Senhor Deus fez brotar da terra toda a espécie de árvores agradáveis à vista e de saborosos frutos para comer (...)» (Gn 2, 9)
- Sl 51,3-6.12-13.14.17 « (...) A mulher viu então que o fruto da árvore era bom para comer e agradável à vista, e precioso para esclarecer a inteligência. Colheu o fruto e comeu-o, depois deu-o ao marido, que estava junto dela, e ele também comeu. (...)» (Gn 3, 6)
- Rm 5,12-19 « (...) Se pelo pecado de um só pereceram muitos, com muito mais razão a graça de Deus, dom contido na graça de um só homem, Jesus Cristo, se concedeu com abundância a todos os homens. (...)» (Rm 5, 15)
- Mt 4,1-11 « (...) Jesus respondeu-lhe: “Está escrito: ‘Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus’ (...)” ».(Mt 4, 4)
- « (...) De novo o Diabo O levou consigo a um monte muito alto, mostrou-Lhe todos os reinos do mundo e a sua glória, e disse-Lhe: “Tudo isto Te darei, se, prostrado, me adorares”. Respondeu-lhe Jesus: “Vai-te, Satanás, porque está escrito: ‘Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele prestarás culto’” . (...)» (Mt, 8-10)

Neste tempo privilegiado da Quaresma as leituras que nos são propostas para reflexão profunda, colocam-nos perante a necessidade da escolha, de fazer opções, no contexto da nossa liberdade, e, conseqüentemente, da responsabilidade a ela inerente. E, quando escolhermos trilhar um caminho devemos ter presente que podemos sempre escolher caminhar em direcção a Deus e tê-Lo como fim último da nossa existência ou, pelo contrário, fazer opções que afastam de Deus e nos prendem ao que é efémero, limitado e que, em última instância, só nos podem trazer amargura pois, na verdade, fomos criados por Deus e somos de Deus e, por isso, só em comunhão com Ele podemos encontrar a realização e a felicidade plena e incondicional e que nos faz pensar, sentir e viver bem, apesar das dificuldades que vamos encontrando, do que sentimos falta e do que já não temos, ou do que ainda não temos.



este tempo de Quaresma, durante o qual podemos aproveitar para reflectir profundamente sobre a nossa vida, sobre os critérios por que pautamos a nossa conduta, o que consideramos prioritário, estas leituras mostram-nos claramente a importância de, livremente, optarmos por caminhar para Deus e orientar toda a nossa vida em conformidade com essa opção. Caso contrário viveremos condicionados pelo que nos rodeia e que é efémero e não nos traz mais que uma breve satisfação seguida de frustração, quer se trate de bens materiais que não nos fazem propriamente falta mas que queremos ter, a promoção no trabalho que se torna o mais importante de tudo e que colocamos como prioridade das prioridades, as relações que consideramos que fica bem cultivar para atingir outros objectivos, etc. ...

A leitura de Génesis foca com grande intensidade o nosso

afastamento de Deus, pela nossa escolha e uma escolha completamente dispensável, supérflua e que foi fruto da mera curiosidade, da mera vontade de ter mais que o imenso que já nos é oferecido.

E, mais ainda, mostra-nos a consequência imediata desse afastamento: a vergonha, o receio, a preocupação. O fim da Paz.

Depois, temos em Romanos, essencialmente, uma mensagem de esperança. Uma mensagem que nos abre os horizontes face à atitude contrastante de Jesus que, pela sua obra, liberta os homens do pecado e os conduz novamente para Deus sendo por isso o Caminho, a Verdade e a Vida. É a leitura que nos diz que apesar de o homem ter escolhido prescindir dos caminhos de Deus e se ter afastado D'Ele, por Jesus Cristo, pela sua obediência e fidelidade, o homem é novamente conduzido para Deus e tem, assim, uma nova oportunidade de ter uma vida plena e verdadeira.

O Evangelho de São Mateus remete-nos para a atitude de Jesus perante as tentações, atitude que revela a sua opção fundamental pela comunhão com o Seu, e nosso, Pai – Deus, em detrimento de toda a glória, riqueza e abundância que lhe era oferecida. Jesus fez a sua opção no meio das dificuldades, fez a sua opção recusando terminantemente afastar-se de Deus e mostrando-nos, assim, como deve ser a nossa atitude.

Não estamos sozinhos, temos o exemplo e caminho que é Jesus e o Espírito Santo cuja Fortaleza nos pode ajudar, não apenas a fazer a escolha de Jesus, mas também a perseverar sempre nela, independentemente das dificuldades e por maiores que sejam as tentações de prazer e satisfação imediatas que nos são, continuamente, oferecidas.

Estas leituras mostram-nos com uma enorme clareza que o mal resulta das nossas escolhas, por isso o que é importante questionarmos, neste tempo privilegiado para o fazermos, é o que consideramos prioritário na nossa vida, o que condiciona as nossas escolhas em todos os campos da nossa vida – familiar, social, profissional, etc.

Que projetos pessoais temos? E, na definição desses projetos pessoais, procuramos saber que projetos tem Ele para nós? Se percebermos, mediante a oração que permite a relação com Deus, falando-Lhe e escutando a Sua Palavra, que o Seu projeto para nós não é coincidente com o que nós tínhamos definido somos capazes de aderir a esse projeto que não é, apenas inicialmente, o nosso mas é o de Deus para nós e o único que nos pode fazer felizes?

Neste tempo de dificuldades e em que a palavra crise se tornou habitual no nosso vocabulário e é presença assídua nas nossas conversas, somos capazes de distinguir o essencial do supérfluo e partilhar o que temos com quem não tem?

Este é um tempo, não me canso de dizer, único, que encerra um enorme potencial transformador e podemos aproveitá-lo para começar a dar pequenos, mas concretos, passos na nossa vida que nos aproximem do nosso Pai, Deus, a criarmos tempos de Oração diária na nossa vida e de começarmos a partilhar o que temos, materialmente e não só, com todos aqueles que nos rodeiam. Seremos capazes de optar por fazer renúncias que não só nos permitem ver que podemos viver com menos e que isso nos liberta mas também fortaleçam o nosso espírito e ajudem no nosso propósito que é o de caminhar para Deus.

Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

“267. Unidos a Jesus, procuramos o que Ele procura, amamos o que Ele ama. Em última instância, o que procuramos é a glória do Pai, vivemos e agimos «para que seja prestado louvor à glória da sua graça» (Ef 1,6). Se queremos entregar-nos a sério e com perseverança, esta motivação deve superar toda e qualquer outra. O que nos move em definitivo, o mais profundo, o maior, a razão e o sentido último de tudo o resto é este: a glória do Pai que Jesus procurou durante toda a sua existência. Ele é o Filho eternamente feliz com todo o seu ser «no seio do Pai» (Jo 1,18). Se somos missionários, é antes de tudo porque Jesus nos disse: «A glória do meu Pai [consiste] em que deis muito fruto» (Jo 15,8). Independentemente de que nos convenha, interesse, aproveite - 135 - ou não, para além dos estreitos limites dos nossos desejos, da nossa compreensão e das nossas motivações, evangelizamos para a maior glória do Pai que nos ama.”

Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*”, Papa Francisco

Perseverantes na escuta... confiantes na salvação!

Gn 12, 1-4 «Deixa a tua terra, os teus parentes e a tua casa paterna e parte para o país que Eu te indicar.

Sl 33, 4-5.18-19.20.22 Farei de ti uma grande nação (...) Por causa de ti, se hão-de considerar abençoadas todas as nações da Terra. E Abraão partiu, como o

2 Tm 1, 8-10 Senhor lhe ordenara». (Gen 12)

Mt 17, 1-9 «O Senhor olha pelos seus fiéis, por aqueles que esperam no Seu amor! (...) Desça sobre nós a Vossa graça, de Vós o esperamos,

Senhor.» (Sal 32)

«Ele salvou-nos e chamou-nos para sermos santos, em virtude, não das nossas obras, mas do seu próprio desígnio e da sua graça.» (II Tim)

«Senhor, que bom seria ficarmos aqui. (...) Uma nuvem luminosa os cobriu e, da nuvem, uma voz dizia: “Este é o meu filho muito amado, no qual pus o meu enlevo: escutai-O” (...) Jesus aproximou-se e tocou-lhes dizendo: “Levantai-vos e não temais”. Erguendo os olhos não viram mais ninguém, senão a Ele, Jesus.» (Mt 17)

Acredito profundamente que, para além das grandes descobertas /inspirações/missões que temos na vida, são precisamente estes pequenos grandes passos de fé (que se tornam concretos) que nos transformam radicalmente e dão frutos eternos... e isso é a chamada de Deus, é a salvação de Deus para cada um de nós!

Que nesta Quaresma possamos pôr os olhos em Ti, para que, ao descermos “o monte” para o concreto da vida, possamos também ser caminho de ressurreição...



aqueles dias, o Senhor disse a Abrãao...

Neste tempo de Quaresma, somos chamados a viver de um modo especial, ainda mais perto do Senhor. Tão perto que o possamos escutar, quando Ele nos quiser falar...

Nestes dias, em que circunstâncias ouvimos o Senhor? Em que espaços, em que tempos, em que realidades, deixamos que Deus nos fale, de modo a que realmente o possamos escutar?

Se Abrãao não estivesse tão próximo, e ao mesmo tempo, tão disponível interiormente, como teria ouvido “até ao fim” esta mensagem especial de Deus para ele?

Estamos disponíveis para momentos como estes?

Enquanto rezo esta leitura, sinto que Deus me dirige esta Palavra hoje, tal como faz a cada um de nós...

“Deixa a tua terra, os teus parentes e a tua casa paterna e parte para o país que Eu te indicar”.

Senhor, o que me queres dizer com isto? O que significa para mim, neste momento?

Apoiado (a) na Palavra de Deus, o que tenho que abandonar para me entregar ao sonho que Deus tem para mim? A forma como vivo determinada situação? A forma como lido com aquela pessoa? A forma como vejo a minha vida?

Terei que “cortar” com algo do passado que me impede de caminhar para o local que Deus escolhe para mim?

Reconciliar-me comigo, com o outro, com o Mundo... Ser

criativo(a), pensar de outra forma, fazer de outra maneira... Na minha família? No trabalho ou falta dele? Em casa? Na rua? Na comunidade?

Dar passos de fé, como Abraão, que partiu para o desconhecido, com um admirável espírito de fé e perseverança na oração.

“Parte para o país que te indicar”

Neste momento, que país é este onde queres que eu chegue? Onde me convidas a ir, a estar, deixando para trás a minha terra, aquilo que me é mais confortável e rotineiro, mas que pode não me permitir ir mais além...?

Nesta quaresma, sentia que o “país” que Deus me convida a conquistar é viver a vida real (não a imaginária, a ideal) com duas propostas muito concretas:

- com mais delicadeza
- com mais alegria

Acredito profundamente que, para além das grandes descobertas /inspirações/missões que temos na vida, são precisamente estes pequenos grandes passos de fé (que se tornam concretos) que nos transformam radicalmente e dão frutos eternos... e isso é a chamada de Deus, é a salvação de Deus para cada um de nós!

“... Ele salvou-nos e chamou-nos para sermos santos, em virtude, não das nossas obras, mas do Seu próprio desígnio e da Sua graça.

Esta graça foi-nos dada em Jesus, desde toda a eternidade, e manifestou-se agora pelo aparecimento de Jesus, nosso

Salvador.

Ele destruiu a morte, e fez brilhar a vida e a imortalidade, por meio do Evangelho.”

É também essa experiência simples, mas profunda e fortemente transformadora, que acontece na rotina diária e que os discípulos Pedro, Tiago e João, vivenciam naquele encontro no monte com o Pai, o Filho e o Espírito Santo (em Mt 17).

Em que preciso de ser iluminado(a)?

Enche-nos Jesus, do desejo em estar Contigo, da Tua luz que nos permite ver mais além, da voz amorosa do Pai “É o meu filho muito amado”, da Tua confiança “Não temais”, da capacidade de erguer os olhos e não ver mais nada senão a Ti...

Que, nesta Quaresma, possamos pôr os olhos em Ti, para que ao descermos “o monte” para o concreto da vida possamos, também, ser caminho de ressurreição...

Deixa a tua terra

*Deixa a tua terra, toma o teu barco,
Chegou a minha hora e a tua de arriscar.
A tua descendência vai ser numerosa
Grande como as areias do mar.
A tua descendência vai ser numerosa
Grande como as areias do mar.*

*Se o coração de Deus for tua casa e teu abrigo,
A pobreza e riqueza terás sempre contigo.*

*Se Deus é teu apoio em quem podes confiar,
Obedecer e ser livre vais poder experimentar.*

*Se fizeres da tua vida um doar sem condições,
Na pureza oferecida vais ser mãe de multidões.*

música “Deixa a tua terra”, Autor anónimo
http://jmvportugal.no.sapo.pt/musicas/deixa_a_tua_terra.html

Uma água que não se acaba!

Ex 17, 3-7 «Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta do meio-dia. Entretanto, chegou certa mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: SI 95, 1-2.6-9 “Dá-me de beber.” Disse-lhe então a Rm 5, 1-2.5-8 samaritana: “Como é que Tu, sendo judeu, me Jo 4, 5-42 pedes de beber a mim que sou samaritana?” É que os judeus não se dão bem com os samaritanos. Respondeu-lhe Jesus: “Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: 'dá-me de beber', tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva!” Disse-lhe a mulher: “Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo... Onde consegues, então, a água viva? Porventura és mais do que o nosso patriarca Jacob, que nos deu este poço donde beberam ele, os seus filhos e os seus rebanhos?” Replicou-lhe Jesus: “Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; mas, quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna.” Disse-lhe a mulher: “Senhor, dá-me dessa água, para eu não ter sede, nem ter de vir cá tirá-la.”» (Jo 4, 5 - 15)

Jesus não se cansa de vir ao meu encontro, de esperar por mim num sítio mais banal do meu dia-a-dia, num poço, no trabalho, com os amigos. Olha-me conhecendo a minha realidade de pecado, mas ainda assim detém-se. Diz-me que tem sede. Que precisa de mim.



Quando rezo procuro situar-me no espaço e no tempo das leituras. No Evangelho deste domingo lembro-me da peregrinação a pé a Fátima. Parávamos sempre num chafariz, em Vila Nova da Rainha, depois de fazer uma série de retas que não acabam desde Vila Franca de Xira. Lembro-me da sensação de chegar cansado, com calor e sede. Penso que todos os peregrinos descobrem um novo sabor na água nestas circunstâncias. Um sabor simultaneamente terreno e espiritual. Jesus terá sentido como homem que também era, exceto no pecado, esta exaustão e sede junto ao poço. O encontro com a Samaritana é por isso um ato de humildade, de um Jesus que tem sede, que não tem medo de pedir água a uma mulher, um Jesus que se quer encontrar com cada um em qualquer lugar. Ele fala com a Samaritana de duas realidades: a água como a conhecemos e o anúncio do Reino (a água viva, o amor do Pai).

A Samaritana parece não compreender a dimensão do seu encontro, mas aos poucos vai sendo introduzida na dinâmica da fé. A conversa é um processo de chegar ao Pai. Jesus apresenta-lhe a água que sacia a sede. É uma água que se opõe a tudo o que é efémero: as distrações do meu dia, os apegos que me condicionam, os meus vícios. Porque há um amor que vale mais do que tudo isso. Jesus fala-lhe a partir de uma realidade muito concreta e pouco agradável. Uma realidade de pecado, de uma vida instável, mas sempre sem a condenar. A Samaritana deixa-se tocar e vai até à aldeia anunciar este homem que acabou de conhecer. Expõe-se na sua miséria, dá a cara, arrisca-se a anunciar uma pessoa que acabou de conhecer. Terá dito qualquer coisa, como: “Este homem conhece a minha realidade, já sabia antes de me conhecer que vivi com vários homens e nenhum é o meu marido”. Que coragem!

Tantas vezes me defendo desta exposição, de anunciar um Jesus que eu deveria conhecer muito melhor que esta mulher (Por já conhecer o fim da história!), que apenas viu um fragmento de Jesus.

Relendo a passagem, parece que Jesus já esperava esta mulher proveniente de um grupo diferente, uma mulher num tempo de desigualdade de género e sobretudo pecadora do ponto de vista social. Tinha tudo para ser evitada no seu tempo. Ainda assim, Jesus interpelou-a, deixa-se acolher na sua aldeia.

Quando leio o texto de S. Paulo revejo-me nos ímpios e pecadores por quem Jesus dá a vida. Onde Jesus prende o olhar, não pelo que valho, mas pela sua eterna misericórdia.

Pai, ajuda-me a matar a sede de todos os que me rodeiam. Torna o meu olhar ausente de julgamentos, de barreiras, de banalidades que não saciam. Torna-me próximo dos que me são indiferentes, dos excluídos, de quem não me quero encontrar.



É indispensável procurar um sentido profundo para a vida. Perante o desalento e a desorientação de muitas pessoas, surge a pergunta: de que fonte vivemos nós?

Aqueles que não encontram esta fonte são mais numerosos hoje do que noutros tempos. Até o nome de Deus está sobrecarregado de mal-entendidos ou completamente esquecido. Será que há uma relação entre este apagamento da fé e a perda do gosto de viver?

Como poderemos purificar em nós essa fonte? Não será permanecendo atentos à presença de Deus? É aí que podemos encontrar esperança e alegria. Então a fonte começa a jorrar novamente e a nossa vida ganha sentido. Tornamo-nos capazes de assumir a nossa vida: recebê-la como um dom e, pelo nosso lado, dá-la por aqueles que nos são confiados.

Mesmo com uma fé muito pequena, realiza-se uma mudança: deixamos de viver centrados sobre nós mesmos. Abrindo a Deus as portas do nosso próprio coração preparamos também o caminho da sua vinda para muitas outras pessoas.

Irmão Alois, Taizé



O milagre da luz e da alegria

- 1 Sm 16, 1.6-7.10-13 «Jesus, ao passar, encontrou no seu caminho um cego de nascença. Cuspiu na terra, fez com a saliva um pouco de lodo e ungiu os olhos do cego. Depois disse-lhe: “Vai lavar-te à piscina de Siloé”; Siloé quer dizer “Enviado”. Ele foi, lavou-se e começou a ver.
- Sl 23, 1-3.6
- Ef 5, 8-14
- Jo 9, 1-41

Entretanto, perguntavam os vizinhos e os que o viam a mendigar: “Não é este o que costumava estar sentado a pedir esmola?”. Uns diziam: “É ele”. Outros afirmavam: “Não é”.

Levaram aos fariseus o que tinha sido cego. Era sábado esse dia em que Jesus lhe tinha aberto os olhos. Diziam alguns dos fariseus: “Esse homem não vem de Deus, porque não guarda o sábado”. Outros observavam: “Como pode um pecador fazer tais milagres?”. E havia desacordo entre eles. Perguntaram então ao cego: “Tu que dizes d’Aquele que te deu a vista?”. O homem respondeu: “É um profeta”. Replicaram-lhe então eles: “Tu nasceste inteiramente em pecado e pretendes ensinar-nos?”. E expulsaram-no.

Jesus soube que o tinham expulsado e, encontrando-o, disse-lhe: “Tu acreditas no Filho do homem?”. Ele respondeu-Lhe: “Quem é, Senhor, para que eu acredite n’Ele?”. Disse-lhe Jesus: “Já O viste: é quem está a falar contigo”. O homem prostrou-se diante de Jesus e exclamou: “Eu creio, Senhor!”» (Jo 9, 1.6-9.13-17.34-38 - excertos)

Ao dar-me a Sua luz, Jesus abre-me a um infinito que eu nunca veria, se não fosse Ele.

Jesus faz um gesto semelhante ao da criação do homem: do pó da terra gerou uma vida nova. A Quaresma é um tempo de conversão, de nos deixarmos CURAR por Jesus, que quer libertar-nos dos medos, das limitações e das “cegueiras”; que deseja dar-nos um olhar novo.

Para este homem do Evangelho, passar a ver foi certamente uma transformação enorme, uma mudança radical. O milagre aconteceu porque ele se deixou TOCAR por Jesus, aceitou que Ele o transformasse e lhe mudasse a vida.

Jesus alarga-nos o coração de tal modo que vemos o que antes não víamos! Basta que nos deixemos tocar, curar, mudar por Ele...e acontece em nós o que nem sonhávamos.



este texto conta-se que Jesus realiza um imenso milagre: faz ver alguém que nunca vira; dá ao olhar desse homem uma luz que lhe era totalmente desconhecida!

E não é isto que Deus faz comigo, ao renovar-me o dom da fé, em cada dia?... Acho que sim. Ao dar-me a Sua luz, Jesus abre-me a um infinito que eu nunca veria, se não fosse Ele. E tenho uma enorme vontade de Lhe agradecer que Ele vá fazendo uma e outra vez este milagre de me tirar das trevas para uma luz nova; de Lhe agradecer que a minha visão limitada dos outros e das situações não seja impedimento para Ele, fazer nascer em mim este olhar renovado sobre todas coisas.

Neste texto, duas coisas me chamaram a atenção.

A primeira, é que Jesus faz um gesto semelhante ao da criação do homem (cf. Gen 2,7): do pó da terra gerou uma vida nova. É um gesto sacramental: com a matéria, o gesto e a palavra, Deus gera a salvação, recria-nos.

Esta oportunidade é-nos dada a cada momento, em cada dia, e, de um modo eclesial, em cada ano, na Quaresma e na Páscoa.

A Quaresma é um tempo de conversão, de nos deixarmos CURAR por Jesus, que quer libertar-nos dos medos e das angústias, das limitações e das “cegueiras”; que deseja dar-nos um olhar novo sobre nós mesmos e sobre tudo o que vivemos.

Para este homem do Evangelho, passar a ver foi certamente uma transformação enorme, uma mudança radical. O milagre aconteceu porque ele se deixou TOCAR por Jesus, aceitou que Ele o transformasse e lhe mudasse a vida.

Ao contrário das narrações bíblicas de outros milagres, aqui não há um pedido do cego no sentido de ser curado, nem é ele quem procura Jesus: o texto diz simplesmente que “*Jesus, ao passar, encontrou no seu caminho um cego de nascença.*”. Talvez este homem se tivesse resignado a ser cego – afinal, ele nunca conhecera outra realidade; talvez ele não esperasse nada de diferente para si; talvez já nem ousasse ter esperança...

NÃO SOMOS NÓS TAMBÉM ASSIM?...

Jesus alarga-nos o coração de tal modo que vemos o que antes não víamos! Basta que nos deixemos tocar, curar, mudar por Ele...e acontece em nós o que nem sonhávamos, “*infinitamente mais do que podemos pedir ou, sequer,*

imaginar” (Efésios 3, 20).

Em segundo lugar, chocou-me a quantidade de perguntas tontas e de afirmações sem fundamento que são ditas neste texto: “*Quem é que pecou para ele nascer cego: ele ou os seus pais?*”; “*Como foi que se abriram os teus olhos?*”; “*Esse homem não vem de Deus, porque não guarda o sábado.*”; “*Como pode um pecador fazer tais milagres?*”; “*Tu nasceste inteiramente em pecado e pretendes ensinar-nos?*”...

São questões motivadas pela ignorância, pelo preconceito, pela maldade; questões acessórias e mesquinhas, que nos dispersam, que nos afastam do essencial...

NÃO FAREMOS NÓS, POR VEZES, ISTO? NÃO SEREMOS NÓS TAMBÉM UM POUCO ASSIM?

“*Nós também somos cegos?*”...

Em vez de abirmos o coração às maravilhas de Deus, ficamos presos a coisas que não têm importância nenhuma e perdemo-nos nelas, incapazes de ver para lá dos nossos limites, para além das aparências. Felizmente, “*Deus não vê como o homem: o homem olha às aparências, o Senhor vê o coração.*” (1 Sm 16, 7 – 1ª leitura).

Jesus, ao passsar, vê-nos, cegos que somos e resignados que estamos em ser assim... Vê-nos e cura-nos, com palavras de paz e com gestos de ternura. E muda tudo! Faz de nós mais, muito mais do que alguma vez podíamos ter imaginado: “*Otrora vós éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor.*” (Ef 5, 8 – 2ª leitura)

Este IV Domingo da Quaresma é chamado o Domingo da Alegria ou Domingo “*Laetare*”. Recebe este nome porque assim começa, neste dia, a Antífona de entrada da Eucaristia:

em latim ,“*Laetere, Ierusalem!*” ou “Alegra-te, Jerusalém!”.

Estamos mais ou menos a meio da Quaresma e este é um dia no qual a liturgia abranda o rigor do tempo penitencial, permitindo na missa as flores no altar e o uso de paramentos rosa.

A liturgia deste Domingo é marcada pelo tema da luz: a luz que Deus dá aos nossos olhos cansados e, por vezes, cegos às Suas maravilhas.

A luz e a alegria são, assim, os pontos fortes deste Domingo: celebramos que Jesus nos conduz das trevas à luz; alegramo-nos, porque Ele nos encaminha, dia a dia, da morte à ressurreição.



(...)

Hoje, Jesus encontra um cego de nascença e entabula com ele um diálogo que suscita fé e confiança nesse cego... E ele passa a ver. As outras pessoas ficam muito indignadas: não percebem como é que ele não via e passou a ver. Este encontro de Jesus com o cego podia ser um encontro como qualquer outro; mas (...) o evangelho não é uma palavra qualquer – é uma palavra que salva! E por isso este episódio continua connosco! Nós temos de nos incluir nesta cena, porque ela salta das páginas da Escritura para a nossa vida atual. Afinal, quem são os cegos de nascença, quem são aqueles que nascem e não veem tudo ou não veem tudo bem, mesmo que reparem nas coisas? Em certo sentido, somos nós... Nós somos aqueles que, no contacto com Jesus, aprendem a ver, aprendem a entender a realidade e a vida de outra maneira, a partir de Jesus! (...)

No episódio narrado hoje, é-nos dito que Jesus fez com a saliva um pouco de lodo e ungiu os olhos do cego. Naquela altura, as pessoas acreditavam que a saliva tinha virtudes medicinais e transmitia vida, como o sopro vital que também pode ser transmitido. Encontramos, assim, neste texto, uma referência antecipada aos sacramentos, veículos da graça, porque Jesus vai curar o cego fazendo lodo: há aqui um sinal, há qualquer coisa de material que entra na cura do cego.

(...) será que nos abrimos à cura que Jesus quer realizar com a Sua palavra, com os Seus sacramentos, com a Sua presença, com o Seu toque, que nos chega de muitas maneiras? Será que, no contacto com Ele, nós vamos vendo as coisas de outro modo, a outra luz?

É significativo que os primeiros cristãos chamassem ao Batismo uma iluminação... O Batismo abre-nos à graça, à luz de Deus. Será que somos fieis a esta graça, a esta luz? Será que apreciamos a vida e os acontecimentos pelos olhos de

Cristo, à luz do Evangelho? (...)

Este Evangelho ensina-nos que a vida cristã se manifesta por uma maneira diferente de ver, de conviver, de examinar, de discernir a partir da iluminação de Cristo.

Isto é connosco. É absolutamente connosco!

CLEMENTE, Manuel– O Evangelho e a vida. Lisboa: Lucerna, 2013. (pp. 71-73) – excertos



Vida apesar da morte

- Ez 37, 12-14 «Eu mesmo vos arrancarei dos vossos sepulcros... e quando vos arrancar sabereis que sou o Senhor: infundir-vos-ei o meu Espírito e vivereis.» (Ez 37, 12-14)
- Sl 130, 1-8
- Rm 8, 8-11 «Eu sou a ressurreição e a vida: aquele que crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá; e o que está vivo e crê em mim não morrerá para sempre.» (Jo 11, 25-26)
- Jo 11, 1-45

É admirável como Jesus sempre nos pede para saltarmos mais além, que não nos fiquemos pelos nossos sentidos e percepções. Porque nós cremos muito no imediato, no aqui e agora, naquilo que os nossos sentidos são capazes de captar, temos atrofiada a vida segundo o Espírito, que nos convida a ir tão longe que chega a outra dimensão e a outra vida, a vida para sempre., “À VIDA ETERNA”. Para entrar nesta nova realidade de vida, Jesus pede-nos que acreditemos. “Crês Nisto?..Então VIVERÁS!”.



anto o Evangelho como as Leituras e o Salmo deste quinto Domingo de Quaresma parece quererem fazer-nos dar um salto até à Páscoa, falam-nos na morte, mas fazem-nos aterrar na ressurreição, no viver de novo; claro que a primeira e segunda leituras nos apontam mais um viver do espírito que está para lá da morte da carne e faz sair da situação de enterrado. No Evangelho, Lázaro volta a viver, mas parece que obrigam Jesus a realizar este milagre, porque Marta nada quer ouvir sobre a ressurreição do último dia e ... Jesus, talvez não a vendo preparada, aparenta conceder-lhe mais algum tempo, para que aumente a sua fé.

A postura de Marta é a nossa, queremos ver com os olhos do corpo, queremos tocar com as nossas mãos, queremos ouvir, cheirar e saborear as coisas, para ter certezas, vivemos tudo com os sentidos e Jesus convida-nos a transcendermo-nos, a ir mais além, mas nós resistimos, porque a nossa fé é pequena.

Ter fé na ressurreição e na vida para sempre, crer na Vida com maiúscula, na Vida Eterna, é o que estas leituras nos querem fazer ver. Parece que nos querem dizer que não vale a pena seguir em frente e viver a Semana Santa se não cremos na ressurreição, não vale a pena e não é cristão ficarmos pela morte, ainda que a tenhamos de viver para experimentar a ressurreição; mas a morte não tem a última palavra, simplesmente porque Jesus a venceu e nos entrega a Vida como triunfo.

Agradeço nesta oração que Jesus me haja falado assim, geralmente estas leituras lia-as como que a correr, são daquelas que já te soam tão familiares que parece que já sabes tudo o que se pode tirar delas, mas nunca as tinha meditado como um sinal ou uma chamada de atenção para

que passasse a algo mais que a simples vida física, essa de cada dia, a de andar, comer, trabalhar, descansar, falar, comprar... que todos queremos ter e que nos é difícil perder. Jesus quer dizer-me *sim, isso é importante, isso já o tens, mas crê noutra vida, que é mais.*

Crer nessa outra Vida faz viver esta de forma diferente e sinto, Jesus, que as leituras deste Domingo me iluminam de forma a querer viver já, aqui e agora, fora de tudo o que é sepulcro, carne corrupta e odor a morte, amarras que nos não deixam mover e nos matam. Vou pedir-Te, Jesus, que, nos meus dias neste mundo, me deixes viver viva, que não me sepultem as incompreensões, as maldades, os desafios e as dificuldades e que a minha preguiça, o meu orgulho e o meu desejo de êxitos não corrompam os meus bons ideais. Que o que dirão, o querer ter, o julgar, a inveja... não sejam ligaduras que me impeçam de ver a bondade e a Verdade. Ajuda-me, Jesus, a viver cada dia com a perspectiva da Vida Eterna, porque será assim que inundarei a minha existência de Ti, Que és Ressurreição e Vida.

Pedro e a sua experiência da Páscoa

A vida de Pedro ajuda-nos a todos, seguidores de Jesus, a passar pelo fracasso de experimentar o Deus Que salva em Jesus.

Pedro personifica a incompreensão das primeiras comunidades – e das comunidades de todos os tempos – no que respeita à Salvação que traz a Vida passando pela Cruz. O seu itinerário não fica cingido, em sintonia com as nossas debilidades e cobardias, à hora de estar com Jesus no Seu sofrimento. O seu testemunho é o do discípulo que não soube estar ao pé da Cruz, mas que se sabe transformado por esse mistério. Pedro é o discípulo que não compreende e se nega a entrar por um caminho que conduz à morte. Uma morte que o regenera como testemunha qualificada da Paixão, não apesar da sua debilidade, senão por causa dela.

De facto, com os relatos do seu papel na Paixão de Jesus, Pedro apresenta-nos a sua própria experiência Pascal. O seu percurso convida-nos, como relato, a repetir na nossa própria história e, simultaneamente, como testemunho, a repetir na nossa própria vida a experiência do Ressuscitado. Por tudo isso, Pedro é bom modelo Pascal, porque nele se personifica a combinação da debilidade humana e da Fortaleza Divina, fios de que está composta toda a pessoa, instituição e comunidade eclesial.

Juan Javier Pardo in revista “Sal Terrae” nº 92 (2014)

parte II

Semana Santa

Domingo de Ramos

Is 50, 4-7 « (...) Mas o Senhor Deus veio em meu

SI 22, 8-9.7-20.23-24 auxílio, e, por isso, não fiquei envergonhado; tornei o meu rosto duro como pedra, e sei que não ficarei desiludido.» (Is 50, 7)

Fp 2, 6-11 « Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a

Mt 26, 14-27, 66 condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. (...)» (Fp 2, 6-7)

« (...) Então, Jesus disse-lhes: “Todos vós, esta noite, vos escandalizareis por minha causa, como está escrito: ‘Ferirei o pastor e dispersar-se-ão as ovelhas do rebanho’. Mas, depois de ressuscitar, preceder-vos-ei a caminho da Galileia” (...) » (Mt 26, 31-32)

« (...) De novo Se afastou, pela Segunda vez, e orou, dizendo: “Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que Eu o beba, faça-se a tua vontade” (...)»(Mt 26, 39)

Ao contrário do que muitos defenderam, a Perfeição Divina não se encerrava na auto-suficiência que se dispensava de precisar do amor das criaturas, mas, pelo contrário, assentava da dupla disponibilidade de dar e receber, ao ponto de transformar o primeiro dos fluxos numa Pessoa Trinitária e de conferir oportunidades sucessivas às nossas pobres disposições de corresponder, indicando o caminho da Redenção.

É a necessidade de tentar não desmerecer demasiado o Resgate permitido por um Deus que não quer já sacrifícios de inocentes, salvo o Seu. É a preocupação de seguir o exemplo do Rei cujo Reino se resume em Serviço e Entrega. É a tentativa de superar a tergiversação, a dúvida e o temor, que assaltaram os mais próximos de Jesus e Ele Próprio, antes de se conformar com a Vontade do Pai.



Divina Misericórdia de Deus,

faz, peço-Te, com que eu confie sempre em Ti, como exortava Santa Faustina Kowalska; e à Tua mão estendida consiga sempre corresponder com as minhas pobres forças e com aquelas que consiga extrair da gratidão!

Meu Salvador,

Ajuda-me, imploro-Te, a conferir ao sofrimento o Sentido de remir que nos apontaste e a vencer os temores e as fraquezas que são próprias do homem, como Tu, por um fugaz instante, também experimentaste. Auxilia-me a substituir a desorientação pela Missão!

Leva-me, enfim, a aperceber o Amor por detrás da Tua Cruz e de cada cruz nossa, moldando-me ao Querer Divino na superação do egoísmo próprio de cada ser terreno!

Meu Senhor e Meu Deus,

Se, como disse Julien Green, «*a alma é um abismo que Te atrai e Tu nela Te precipitas*», ajuda-me a que tão rochosa imagem não se traduza na imobilidade que me faça comodista e menos sensível ao Teu impulso, mas sim que me torne firme, perseverante na Fé e que, movendo montanhas, a Ti me conduza.

Pai, permite que retire sempre da fórmula genial, de Gustavo Corção, a memória de que a Cruz é o «*pára-raios da Cólera Divina*», e que a revolta nunca me leve a menosprezar a Eucaristia, antes a potenciá-La como resposta para imediatamente acessível à mão estendida com que nos salvas e como reconhecimento pleno que nos conduza à Comunhão Contigo!

Que as cinzas com origem nos ramos abençoados possuam o condão de nos impelir sempre ao arrependimento com Esperança e que supere o mero remorso trivial e nos façam, continuamente, mais empenhados em aproximarmo-nos de Ti, tendo presente a lembrança do Santo Padre, segundo a qual «*Deus nunca se cansa de nos perdoar, nós é que por vezes nos cansamos de Lhe pedir perdão*». Que tal fadiga não nos vença, pois, e sejamos menos indignos da Tua Graça!

Que, neste início da Semana Santa, esteja igualmente bem presente em nós Cristãos o exemplo do Papa S. Martinho I, que, precursor do culto formal de Maria Imaculada, ampliou a consciência da condição pecadora do Homem, e que, perseguido por intransigentemente defender a Dupla Natureza – Divina e Humana –, de Teu Filho e Nosso Senhor, pugnou pelo entendimento do Supremo Gesto do Amor, superando a própria Justiça, no sentido de permitir que nunca nos perdêssemos.

"Na procissão do Domingo de Ramos associamo-nos à multidão dos discípulos que, em festa jubilosa, acompanham o Senhor na Sua entrada em Jerusalém. Como eles louvamos o Senhor em coro por todos os prodígios que vimos. Sim, também nós vimos e ainda vemos os prodígios de Cristo: como Ele leva homens e mulheres a renunciar aos confortos da própria vida e a colocar-se totalmente ao serviço dos que sofrem; como Ele dá coragem a homens e mulheres de se oporem à violência e à mentira, para dar lugar no mundo à verdade; como Ele, no segredo, induz homens e mulheres a fazer o bem ao próximo, a suscitar a reconciliação onde havia o ódio, a criar a paz onde reinava a inimizade.

A procissão é antes de tudo um testemunho jubiloso que prestamos a Jesus Cristo, no qual se tornou visível para nós o Rosto de Deus e graças ao qual o coração de Deus está aberto a todos nós."

Livro Quaresma e Páscoa, Papa Bento XVI



Aprender a servir para amar melhor!

- Ex 12, 1-8.11-14 «O Senhor Jesus na noite em que era entregue, tomou pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim.”» (1 Co, 11)
- Sl 116, 12-13.15-16bc.17-18 «Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura. Chegou, pois, a Simão Pedro. Este disse-lhe: “Senhor, Tu é que me lavas os pés?” (...) “Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também.”» (Jo 13, 1-15)

Mesmo sabendo que O iam entregar, Jesus partilha o pão e o vinho com os discípulos: dá-nos a Eucaristia, a partilha da vida, a vivência da fé enquanto cristãos. Porque a nossa fé não se vive sozinho, mas em comunidade. Como vivemos a Eucaristia? Como um rito? Como uma possibilidade de fazer Jesus mais presente na nossa vida?

Num mundo como o de hoje, onde tantas vezes os gestos de servir são completamente desvalorizados, Tu convidas-nos a fazermo-nos pequenos. A quem posso servir, Senhor?



hegamos a 5ª feira Santa! Não sei se convosco acontece a mesma coisa, mas chego sempre a esta altura com a sensação de que podia ter vivido melhor este tempo de preparação para a Páscoa: podia ter rezado mais, podia-me ter organizado melhor e deixado mais tempo para participar nas celebrações da comunidade, já me devia ter confessado, podia... Leio estas leituras e vejo que os discípulos também andavam num corupio com os acontecimentos que envolviam Jesus, e até para organizarem o jantar, a última ceia... E como Ele os surpreendeu: por um lado, partilhou o pão e o vinho, mas deu todo um novo sentido a esta partilha: disse-lhes *"fazei isto em memória de mim"* e falou-lhes de uma nova Aliança... E depois, ainda mais os surpreendeu, quando *"deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura."*... Imagino-me naquele cenário e o que sentiria se Jesus me começasse a lavar os pés? Os pés, que normalmente andam tapados (no nosso tempo, pelo menos), ou cheios de pó, associados tantas vezes a transpiração, mau cheiro, a tudo menos limpeza! Mas é mesmo os pés que o Senhor lava... Como se nos dissesse que não há nada que rezear – não precisamos de esconder nada Dele! Porque ele nos ama por completo! Mesmo aquelas partes de nós que consideramos menos boas, que temos de disfarçar, de tapar, de esconder! ... É Jesus quem se aproxima de cada um de nós, de uma forma completamente nova e inesperada: servindo, limpando as impurezas, proporcionando descanso e conforto... consolando!... Tenho andado a rezar muito esta questão do consolo – é uma palavra que está em desuso hoje em dia, mas que me tem dado muito que rezar, porque o meu filho mais novo não se deixa consolar: quando se magoa mesmo a sério, foge e não se deixa consolar... porquê?

Pergunto-me eu muitas vezes... o consolo é uma parte tão importante do amor de mãe/pai! Saber que com um beijo, um mimo, um abraço nosso, podemos amenizar o sofrimento daqueles que mais amamos! Podemos mostrar que, apesar de não conseguirmos alterar algumas coisas, estamos com eles, vivemo-las com eles ... e no entanto, o meu filho tantas vezes não se deixa consolar!... E não é isto que tantas vezes fazemos Contigo, Senhor? Não deixamos que Tu nos ofereças o teu consolo? Fugimos e escondemos o nosso desgosto, para que não vejas como somos limitados! Também olho para algumas situações que pessoas amigas estão a passar e penso: era tão bom que elas experimentassem o Teu amor, experimentassem o consolo que lhes podes dar!... Bastava arriscarem, deixarem de lado o medo!

O consolo implica que haja uma grande intimidade entre aquele que consola e aquele que é consolado: porque nós só somos ou nos sentimos verdadeiramente consolados quando somos sinceros no nosso desgosto e não temos medo de nos expor, de expor a nossa fragilidade, a nossa limitação àquele que nos quer consolar – sou capaz de fazer isto diante de Deus? Lembro-me que quando andava às voltas com a questão da (in)fertilidade, o maior medo que tinha era de Te perguntar se afinal esta historia da maternidade era para mim, medo que me dissesse “mas não foi isso que sonhei para ti” e (caso fosse essa a resposta) de Te pedir que me consolasses no meu maior desgosto... E durante muito tempo “fugi com o rabo à seringa”, até ganhar coragem, até ganhar confiança, até ganhar ouvidos para ouvir o que me querias dizer... Ajuda-me Senhor a ser capaz de aceitar esta proximidade, este amor tão grande que me ofereces!

E agora, convidas-nos a servir: *“Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns*

aos outros. Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também”... Convidas-nos a fazermos-nos pequenos – a nós, a mim, que sonho com grandezas, com grandes feitos... Num mundo como o de hoje, onde tantas vezes os gestos de servir são completamente desvalorizados, ignorados, mas tão precisos! E tão consoladores para quem os recebe!

Como me posso fazer pequena, Senhor? A quem posso servir? A quem posso consolar?



A esperança em Gestos

“Jesus responde com gestos de cura e libertação. Não pretende nenhum título e revela claramente que não vem destruir ninguém, mas salvar e curar. A sua vida está voltada para os que sofrem, para os que nada valem aos olhos de governantes e privilegiados (nesse tempo nem um voto valiam!). Anuncia a Boa Nova aos pobres, pois reconhece que eles são a verdadeira força transformadora do mundo. Não quer mudar as estruturas sem propor a conversão das pessoas, sem lhes oferecer o amor que é a condição para mudarmos por dentro. E isso reclama tempo e proximidade, gosto em estar com as pessoas e riso e lágrimas partilhados. Às crises de todos os tempos oferece os critérios da verdade e do serviço, da privilegiada atenção aos mais pobres e do compromisso por valores, do amor incondicional de Deus e da responsabilidade de todos.

Se nos perguntarem se somos discípulos de Jesus com que sinais respondemos? Como estamos próximos dos que sofrem, e presente junto dos doentes e dos que não têm ninguém? Que tempo oferecemos a quem precisa de desabafar ou simplesmente contar a sua vida? Que vida se circula nas nossas comunidades, capaz de encher de alegria e paz aqueles que tocamos? Que valores norteiam a nossa relação com Jesus e com os outros? A esperança concretiza-se em obras que estão ao alcance de cada um, que se tornam possíveis quando aceitamos que a nossa pobreza pode ser dom para outros. É assim que se espera o Senhor: realizando a sua vida nos gestos inesperados e generosos, simples e cheios de graça que se distribuem como pão a quem tem fome! Ninguém desvalorize o que se dá com amor!

(à procura da Palavra, P. Vítor Gonçalves, “Voz da Verdade”, 15-12-2013)

“Jesus, o Nazareno, Rei dos Judeus” Jesus é Deus feito homem

- Is 52, 13 – 53, 12 «Vede como vai prosperar o meu servo: subirá, elevar-se-á, será exaltado. Assim como, à sua vista, muitos se encheram de espanto (...) assim se hão-de encher de assombro muitas nações e, diante dele, os reis ficarão calados, porque hão-de ver o que nunca lhes tinham contado e observar o que nunca tinham ouvido. Quem acreditou no que ouvimos dizer? A quem se revelou o braço do Senhor? (...) Ele suportou as
- SI 31, 2.6.12-13.15-16.17.25
- Hb 4, 14-16; 5, 7-9
- Jo 18, 1 - 19, 42

nossas enfermidades e tomou sobre si as nossas dores. Mas nós víamos nele um homem castigado, ferido por Deus e humilhado. Ele foi trespassado por causa das nossas culpas e esmagado por causa das nossas iniquidades. Caiu sobre ele o castigo que nos salva: pelas suas chagas fomos curados.» (Is 52, 13-15; 53, 4-5)

«Naquele tempo, Jesus saiu com os seus discípulos para o outro lado da torrente do Cedron. Havia lá um jardim, onde Ele entrou com os seus discípulos. Judas, que O ia entregar, conhecia também o local, porque Jesus Se reunira lá muitas vezes com os discípulos. Tomando consigo uma companhia de soldados e alguns guardas, enviados pelos príncipes dos sacerdotes e pelos fariseus, Judas chegou ali, com archotes, lanternas e armas. Sabendo Jesus tudo o que Lhe ia acontecer, adiantou-Se e perguntou-lhes: “A quem buscais?”. Eles responderam-Lhe: “A Jesus, o Nazareno”.» (Jo 18, 1-5)

«Jesus saiu, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Pilatos disse-lhes: “Eis o homem”. Quando viram Jesus, os príncipes dos sacerdotes e os guardas gritaram: “Crucifica-O!

Crucifica-O!”. Disse-lhes Pilatos: “Tomai-O vós mesmos e crucificai-O, que eu não encontro n’Ele culpa alguma”. Responderam-lhe os judeus: “Nós temos uma lei e, segundo a nossa lei, deve morrer, porque Se fez Filho de Deus”.» (Jo 19, 5-7)

Como aceitamos o sofrimento que faz parte da Vida?

Ouvimos Jesus que fala connosco de tantas formas todos os dias? Ou ignoramos as suas palavras gritando “Crucifiquem-no”?



dia de hoje é dia de “morte”, um dia triste. Mas a morte faz parte da vida. Como dizia um tio meu médico, “a morte é a única coisa certa, depois de nascermos, mas mesmo assim não a aceitamos”.

Jesus foi morto, não morreu. Foi morto por ser o “Rei dos judeus”, foi morto por nos trazer a Boa Nova, uma forma diferente de viver, por ser revolucionário, por ir contra a corrente. Jesus que é Deus feito homem veio trazer a mensagem de Deus ao meio dos homens. Mas os homens não estavam preparados para a receber. E estaremos agora? Quantas vezes não O ouvimos? Quantas vezes O “matamos”, ignorando-O?

Hoje é o dia do Calvário. O Evangelho de hoje relata toda a história da morte de Jesus: começando com o Seu encontro com Judas acompanhado dos soldados; passando pela fúria de Pedro que fere um servo de um sumo-sacerdote, e pelas suas negas quando o identificam como amigo de Jesus; o envio ao sumo-sacerdote Caifás e a Pilatos; às questões postas por Pilatos que não entendeu porque queriam matar

Jesus; os gritos da multidão para crucificarem Jesus; o letreiro escrito por Pilatos: “Jesus, o Nazareno, Rei dos Judeus”; e entrega da Sua mãe ao discípulo João; o último suspiro; o trespassar da lança; a retirada da cruz do corpo de Jesus e a sua deposição no sepulcro.

Nesta história tão comprida, Jesus vai alternando entre homem e Deus. De facto esta dualidade não é fácil de entender. Principalmente para os judeus, a quem tinha sido ensinado que Deus era um só. Jesus não deixa de ser homem e não deixa de ser Deus. Deus fez-se um de nós, para viver no meio dos homens e assim nos transmitir a Boa Nova. Amou-nos até ao fim, não desistiu da sua missão, não nos virou as costas.

O sofrimento está presente neste dia. O sofrimento, como a morte, faz parte da vida. Mas parece que cada vez mais temos incapacidade para o sofrimento. Parece que tudo se pode resolver carregando num botão de um telecomando ou tomando um comprimido, fazemos um exame para fazer o diagnóstico do nosso mal e depois fazemos o tratamento adequado. Mas há males que não têm nenhum botão para lhe pôr fim. Há momentos difíceis na vida de toda a gente, mesmo daquelas pessoas que pensamos que “têm uma boa vida”.

Que situações de morte e sofrimento eu vivo atualmente? Consigo pôr o Amor de Deus nessas situações? Que situações de morte e sofrimento vivem as pessoas que me rodeiam? Como posso eu ser presença de Deus para essas pessoas?

*Graças pelo bem que nos entregas,
por Teu corpo sinal de bondade:
força dos homens que esperam
que um dia voltes, que chegues sem tardar.*

*Graças por Teu sangue derramado,
pois nele está Tua liberdade:
uma liberdade diferente,
que faça do amor o princípio e o fim.*

*Sempre que comamos desta mesa,
nossa vida temos que mudar;
temos que seguir o Teu caminho
mesmo quando haja dias de escuridão.*

*Havemos de encontrar-te entre os pobres,
naqueles que se entregam por amor,
naqueles que repartem justiça,
pois neles se pode ouvir a Tua voz.*



O valor da pessoa, o valor da nossa vida

Gn 1,1-2,2 «Como a esposa abandonada e de alma
 Sl 104 aflita, o Senhor voltou a chamar-te. Poderá
 Gn 22, 1-18 rejeitar-se a companheira da juventude? –
 Sl 16 diz o teu Deus - (...) Ainda que as
 Ex 14,15-15,1 montanhas se desloquem, e vacilem as
 Is 54, 5-14 colunas, o meu amor não te abandonará, a
 Sl 30 minha aliança de paz não será abalada – diz
 Is 55, 1-11 o Senhor que tem compaixão de ti. Pobre
 Ba 3, 9-15.32-4,4 cidade, batida pelos ventos, sem conforto,
 Sl 19 vou assentar as tuas pedras sobre jaspe e os
 Ez 36, 16-33 teus alicerces em safiras. Vou fazer-te
 Sl 42 ameias de rubis; tuas portas serão feitas de
 Rm 6, 3-11 carbúnculo, e todos os teus muros, de
 Mt 28, 1-10 pedras preciosas. Todos os teus habitantes
 serão instruídos pelo Senhor e gozarão de
 grande prosperidade. Serás fundada sobre a justiça longe da
 violência, que não terás de temer, longe do pavor, que te não
 inquietará.» (Is 54, 6.10-14)

«Eis o que diz o Senhor: Todos vós que tendes sede, vinde às
 águas; se não tiverdes dinheiro, vinde mesmo assim. Comprai e
 tomai, sem dinheiro e sem despesa, vinho e leite. Porque dais
 dinheiro por aquilo que não é pão, e o produto das vossas
 canseiras por aquilo que não sacia? Tratai de escutar-me e
 comereis o que é bom, deliciar-vos-eis com manjares suculentos.
 Prestai-me atenção e vinde ter comigo; escutai, e a vossa alma
 viverá. Firmarei convosco uma aliança eterna, com as graças
 duradoiras prometidas a David. Vede que fiz dele testemunha
 entre os povos, chefe e soberano entre as nações. Chamarás

nações que te são desconhecidas, e povos que te não conhecem virão ao teu encontro, por causa do Senhor, teu Deus, e do Santo de Israel, que te quis enaltecer.» (Is 55, 1-5)

Que valor damos a nós próprios? Que valor damos à nossa vida? Que valor terá a vida que o Senhor nos promete?

Queremos ser saciados, mas o que é ser saciado e o que nos sacia? Procuramos a vida, mas o que é essa vida e o que é que nos pode dar a vida?



Que valor damos a nós próprios? Que valor damos à nossa vida? Que valor terá a vida que o Senhor nos promete?

Num mundo por vezes hostil, qual é o nosso valor? Qual é o valor da nossa vida? Temos um valor intrínseco ou o nosso valor depende do valor que os outros nos atribuem? Se só formos avaliados pelos outros à nossa volta, o nosso valor será sempre muito limitado. Nesta espécie de leilão do nosso valor, quem dará mais?

É neste ponto que as leituras de Isaías me tocam: é o Senhor quem me chama, quem me chama com uma paixão antiga, com um amor que não abandona. O Senhor sabe onde me encontro: “Pobre cidade”. Mas tem planos para mim: reconstruir-me com materiais preciosos e oferecer-me uma vida instruída pelo Senhor.

É o Senhor quem me avalia, é o Senhor quem oferece muito por mim. Na noite da Vigília Pascal, sei que o Senhor se oferece a Ele próprio por mim. É esta a oferta mais alta, é

esta a medida do meu valor.

E como vamos vivendo a nossa vida? Em que nos aplicamos? A que dedicamos o nosso trabalho e as nossas canseiras? Como avaliamos aquilo que efetivamente procuramos na nossa vida?

Queremos ser saciados, mas o que é ser saciado e o que nos sacia? Procuramos a vida, mas o que é essa vida e o que é que nos pode dar a vida?

Também aqui são decisivas as avaliações que fazemos. Quantas vezes gastamos as nossas forças, o nosso tempo, o nosso dinheiro, os nossos afetos, naquilo que não nos pode saciar? E quantas vezes aceitamos ficar com algo que nos enche um bocadinho e nem sequer chegamos a perceber que há uma saciedade muito mais profunda e plena? Em quem confiamos para nos ajudar a avaliar as escolhas que fazemos? E até onde poderemos ir com o pouco que somos? O que podemos esperar?

Mais uma vez o Senhor chama-nos a confiarmos na sua avaliação. A medida do valor da nossa vida só pode ser dada por Ele. E não é pequena: “testemunha entre os povos” e “soberano entre as nações”. Em nome do Senhor, chamar os povos para que O conheçam e vivam a Sua vida.

Senhor, ajuda-me a confiar em ti: para compreender o meu valor para ti, para compreender o que me pode saciar, para viver a minha vida com a tua plenitude e para chegar a experimentar a saciedade que só tu podes dar.

Era uma vez um rapaz que procurou um sábio em busca de ajuda.

— Venho até cá, mestre, porque me sinto tão tacanho que não tenho vontade de fazer nada. Dizem-me que não presto, que não faço nada bem, que sou lento e estúpido. Como posso melhorar? Que posso fazer para que as pessoas me valorizem mais?

O mestre, sem olhar para ele, disse:

— Lamento muito, rapaz, mas não posso ajudar-te. Primeiro, tenho de resolver o meu próprio problema. Talvez depois... — E, fazendo uma pausa, acrescentou: — Se tu me quiseres ajudar, eu poderia resolver este assunto mais depressa e talvez depois te possa ajudar.

— Com todo o prazer, mestre — gaguejou o rapaz, sentindo novamente que estava a ser desvalorizado e que as suas necessidades eram adiadas.

— Bom — continuou o mestre, tirando um anel que trazia no dedo mindinho da mão esquerda. Dando-o ao rapaz, acrescentou: — Pega no cavalo que está lá fora e vai ao mercado. Tenho de vender este anel porque preciso de pagar uma dívida. Tens de obter por ele a maior quantia possível e não aceites menos do que uma moeda de ouro. Vai e volta com a moeda o mais depressa que poderes.

O jovem pegou no anel e partiu. Assim que chegou ao mercado, começou a oferecer o anel aos comerciantes, que o fitavam com interesse até o jovem dizer quanto queria por ele.

Sempre que o rapaz mencionava a moeda de ouro, alguns riam-se, outros viravam-lhe a cara e só um velhinho foi suficientemente amável e se deu ao trabalho de lhe explicar que uma moeda de ouro era demasiado valiosa para ser trocada por um mero anel. Alguém, desejoso de ajudar, ofereceu-lhe uma moeda de prata e um recipiente de cobre,

mas o jovem tinha ordens para não aceitar menos do que uma moeda de ouro e, como tal, rejeitou a oferta.

Depois de oferecer a joia a todas as pessoas que se cruzaram com ele no mercado, que foram mais de cem, e abatido pelo seu fracasso, o rapaz montou no cavalo e regressou para junto do sábio.

Ele ansiava por uma moeda de ouro para entregar ao mestre e libertá-lo da sua preocupação, de modo a poder receber finalmente o seu conselho e ajuda.

Entrou no quarto do sábio.

— Mestre — disse — lamento muito. Não é possível fazer o que me pedes. Talvez tivesse conseguido arranjar-te duas ou três moedas de prata, mas não creio conseguir enganar as pessoas quanto ao verdadeiro valor do anel.

— O que disseste é muito importante, meu jovem amigo respondeu o mestre, sorridente. — Primeiro, temos de conhecer o verdadeiro valor do anel. Torna a montar no teu cavalo e vai ao ourives. Quem melhor do que ele para nos dizer o valor? Diz-lhe que gostavas de vender a joia e pergunta-lhe quanto te dá por ela. Mas não importa o que ele te ofereça: não lho vendas. Volta com o meu anel.

O jovem tornou a cavalgar.

O ourives inspecionou o anel à luz da candeia, observou-o à lupa, pesou-o e respondeu ao rapaz:

— Diz ao mestre, rapaz, que, se o quiser vender agora mesmo, não lhe posso dar mais do que cinquenta e oito moedas de ouro pelo seu anel.

— Cinquenta e oito moedas?! — exclamou o jovem.

— Sim — replicou o ourives. — Eu sei que, com tempo, poderíamos obter por ele cerca de setenta moedas, mas se a venda é urgente...

O jovem correu, emocionado, para casa do mestre, ansioso por lhe contar a novidade.

— Senta-te — disse o mestre depois de o ouvir. — Tu

és como esse anel: uma joia valiosa e única. E, como tal, só podes ser avaliado por um verdadeiro perito. Porque é que vives à espera que qualquer pessoa descubra o teu verdadeiro valor?

E, dito isto, tornou a pôr o anel no dedo mindinho da sua mão esquerda.

(autor desconhecido)

parte III

Introdução

A Quaresma é um tempo de escuta; de escuta dócil e silenciosa da Palavra de Deus na oração; de escuta próxima e solícita daqueles que nos cercam; de escuta atenta e humilde da palavra da Igreja.

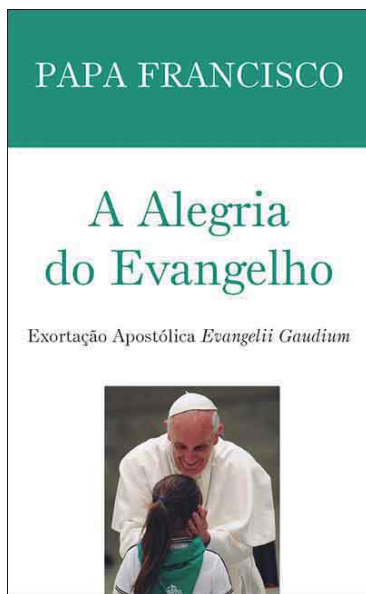
O Papa Francisco não cessa de nos ensinar: os seus gestos surpreendentes, as suas palavras sábias, a sua vida orante são um desafio ao modo de ser cristão no mundo de hoje.

Nesta última parte do Caderno, trazemos, por isso, mais uma vez, as palavras do Papa, em três textos: em duas mensagens – para a Quaresma de 2014 e para a XXIX Jornada Mundial da Juventude, que se celebra no Domingo de Ramos, e em pedaços da sua recente Exortação Apostólica "*A alegria do Evangelho (Evangelii Gaudium)*"; em qualquer dos casos, optámos por excertos, mas indicamos a ligação à internet para permitir a consulta do documento completo.

Nesta Quaresma, tempo de sobriedade, de renúncia e de conversão, vivida ainda num momento de crise económica, o Papa diz-nos que “a pobreza de Cristo é a maior riqueza”.

Na Mensagem aos jovens, o Santo Padre convida-nos a “ter a coragem da felicidade”, colocando diante de nós o exemplo de pessoas corajosas e felizes, como Teresa de Lisieux, Francisco de Assis ou João Paulo II, que será canonizado este ano, no II Domingo da Páscoa.

O texto da *Evangelii Gaudium* é todo ele um hino à alegria, à “alegria que se renova e comunica”, à “doce e reconfortante alegria de evangelizar”...! Tem este documento cinco capítulos, em que são abordados os seguintes pontos: a transformação missionária da igreja; a crise do compromisso comunitário; o anúncio do evangelho; a dimensão social da evangelização e os evangelizadores.



MENSAGEM DO PAPA – QUARESMA 2014 (excertos)

Fez-Se pobre, para nos enriquecer com a sua pobreza (cf. 2 Cor 8, 9)

A finalidade de Jesus Se fazer pobre não foi a pobreza em si mesma, mas – como diz São Paulo – «*para vos enriquecer com a sua pobreza*». Não se trata dum jogo de palavras, duma frase sensacional. Pelo contrário, é uma síntese da lógica de Deus: a lógica do amor, a lógica da Encarnação e da Cruz. Deus não fez cair do alto a salvação sobre nós, como a esmola de quem dá parte do próprio supérfluo com piedade filantrópica. Não é assim o amor de Cristo! Quando Jesus desce às águas do Jordão e pede a João Baptista para O baptizar, não o faz porque tem necessidade de penitência, de conversão; mas fá-lo para se colocar no meio do povo necessitado de perdão, no meio de nós pecadores, e carregar sobre Si o peso dos nossos pecados. Este foi o caminho que Ele escolheu para nos consolar, salvar, libertar da nossa miséria. (...).

Aquilo que nos dá verdadeira liberdade, verdadeira salvação e verdadeira felicidade é o seu amor de compaixão, de ternura e de partilha. (...) A pobreza de Cristo é a maior riqueza: Jesus é rico de confiança ilimitada em Deus Pai, confiando-Se a Ele em todo o momento, procurando sempre e apenas a Sua vontade e a Sua glória. É rico como o é uma criança que se sente amada e ama os seus pais, não duvidando um momento sequer do seu amor e da sua ternura.

Em cada época e lugar, Deus continua a salvar os homens e o mundo “por meio da pobreza de Cristo”, que Se faz pobre nos Sacramentos, na Palavra e na sua Igreja, que é um povo de pobres. A riqueza de Deus não pode passar através da nossa riqueza, mas sempre e apenas através da nossa

pobreza, pessoal e comunitária, animada pelo Espírito de Cristo.

(...) O Senhor convida-nos a sermos jubilosos anunciadores desta mensagem de misericórdia e esperança. É bom experimentar a alegria de difundir esta boa nova, partilhar o tesouro que nos foi confiado para consolar os corações dilacerados e dar esperança a tantos irmãos e irmãs imersos na escuridão. Trata-se de seguir e imitar Jesus, que foi ao encontro dos pobres e dos pecadores como o pastor à procura da ovelha perdida, e fê-lo cheio de amor. Unidos a Ele, podemos corajosamente abrir novas vias de evangelização e promoção humana.

Queridos irmãos e irmãs, possa este tempo de Quaresma encontrar a Igreja inteira pronta e solícita para testemunhar, a quantos vivem na miséria material, moral e espiritual, a mensagem evangélica, que se resume no anúncio do amor do Pai misericordioso, pronto a abraçar em Cristo toda a pessoa. E poderemos fazê-lo na medida em que estivermos configurados com Cristo, que Se fez pobre e nos enriqueceu com a sua pobreza.

http://www.vatican.va/holy_father/francesco/messages/lent/documents/papa-francesco_20131226_messaggio-quaresima2014_po.html

MENSAGEM DO PAPA - XXIX JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE (excertos) Domingo de Ramos, 13 de abril de 2014

«Felizes os pobres em espírito, porque deles é o
Reino dos Céus» (Mt 5, 3)

1. *A força revolucionária das Bem-aventuranças*

Ao proclamar as Bem-aventuranças, Jesus convida-nos a segui-Lo, a percorrer com Ele o caminho do amor, o único que conduz à vida eterna. Não é uma estrada fácil, mas o Senhor assegura-nos a sua graça e nunca nos deixa sozinhos. Na nossa vida, há pobreza, aflições, humilhações, luta pela justiça, esforço da conversão quotidiana, combates para viver a vocação à santidade, perseguições e muitos outros desafios. Mas, se abirmos a porta a Jesus, se deixarmos que Ele esteja dentro da nossa história, se partilharmos com Ele as alegrias e os sofrimentos, experimentaremos uma paz e uma alegria que só Deus, amor infinito, pode dar.

2. *A coragem da felicidade*

Se verdadeiramente fizerdes emergir as aspirações mais profundas do vosso coração, dar-vos-eis conta de que, em vós, há um desejo inextinguível de felicidade, e isto permitir-vos-á desmascarar e rejeitar as numerosas ofertas «a baixo preço» que encontráis ao vosso redor. Quando procuramos o sucesso, o prazer, a riqueza, de modo egoísta e idolatrando-os, podemos experimentar também momentos de inebriamento, uma falsa sensação de satisfação; mas, no fim de contas, tornamo-nos escravos, nunca estamos satisfeitos, sentimo-nos impelidos a buscar sempre mais. É muito triste

ver uma juventude «saciada», mas fraca.

3. *Felizes os pobres em espírito...*

Em que sentido podemos conceber a pobreza como uma bênção?

Em primeiro lugar, procuremos compreender o que significa «pobres em espírito». Quando o Filho de Deus Se fez homem, escolheu um caminho de pobreza, de despojamento. (...) Jesus é Deus que Se despoja da Sua glória. Vemos aqui a escolha da pobreza feita por Deus: sendo rico, fez-Se pobre para nos enriquecer com a sua pobreza (cf. 2 Cor 8, 9). É o mistério que contemplamos no presépio, vendo o Filho de Deus numa manjedoura; e mais tarde na cruz, onde o despojamento chega ao seu ápice.

http://www.vatican.va/holy_father/francesco/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014_po.html



Copyright Servizio Fotografico de L'Osservatore Romano

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII GAUDIUM*, PAPA FRANCISCO (excertos)

1. A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. (...)

2. (...) Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado.

3. Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito (...). Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direcção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada. Este é o momento para dizer a Jesus Cristo: «Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco. Preciso de Vós. Resgatai-me de novo, Senhor; aceitai-me mais uma vez nos vossos braços

redentores». Como nos faz bem voltar para Ele, quando nos perdemos! Insisto uma vez mais: Deus nunca Se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia. Aquele que nos convidou a perdoar «setenta vezes sete» (Mt 18, 22) dá-nos o exemplo: Ele perdoa setenta vezes sete. Volta uma vez e outra a carregar-nos aos seus ombros. Ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere. Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria. Não fuçamos da ressurreição de Jesus; nunca nos dêmos por mortos, suceda o que suceder. Que nada possa mais do que a sua vida que nos impele para diante!

http://www.vatican.va/holy_father/francesco/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.html

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Março

7 a 9	<i>Paróquia e Vale Lobos</i>	CPM
9	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev 21h – 23h
10	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas 21h30 – 23h
12	<i>Casa da Palavra</i>	FÉnomenal 21h – 23h
15	<i>Casa da Palavra</i>	Ser animador Verbum Dei 10h – 17h
15	<i>Casa da Palavra</i>	Missa de Comunidade 17h
17	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas 21h30 – 23h
18 a 20		Retiro On-line – Quaresma
21 a 23	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
22	<i>Casa da Palavra</i>	tu a Tu 10h – 12h30
23	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev 21h – 23h
24	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas 21h30 – 23h
25	<i>Casa da Palavra</i>	Escola de Pais 21h – 23h
30	<i>Paróquia C. Grande</i>	Feira de Primavera
31	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas 21h30 – 23h

Abril

6	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev 21h – 23h
9	<i>Casa da Palavra</i>	FÉnomenal 21h – 23h
11 a 16		Peregrinação a Fátima
17 a 19	<i>Paróquia C. Grande</i>	Páscoa Fraterna
17 a 19	<i>Vale de Lobos</i>	Páscoa em Oração
22	<i>Casa da Palavra</i>	Escola de Pais 21h – 23h
26	<i>Casa da Palavra</i>	tu a Tu 10h – 12h30
30 a 4 Maio	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei – Lisboa

Maio

30 Abril a 4	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
4	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev 21h – 23h
6 a 8		Retiro On-line – Páscoa
10 a 11		2º Encontro de Crisma
14	<i>Casa da Palavra</i>	FÉnomenal 21h – 23h
17	<i>Casa da Palavra</i>	Missa de Comunidade 17h
18	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev 21h – 23h
21	<i>Casa da Palavra</i>	Peço a Palavra 21h – 23h
24 a 25	<i>Paróquia C. Grande</i>	Feira das Oportunidades
24	<i>Vale de Lobos</i>	Encontro Namorados e Famílias VDei 10h–18h
24	<i>Casa da Palavra</i>	tu a Tu 10h – 12h30
30 a 1Jun	<i>Paróquia e Vale Lobos</i>	CPM
31	<i>Casa da Palavra</i>	Núcleo de Casais 10h – 13h

Mais informações e inscrições em www.verbumdei.org

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _da oração;
- _do ministério da Palavra;
- _do testemunho de vida evangélica.



Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38° 49' 15"; W 9° 17' 25"

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

www.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21 795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com